



# Dr. Plinio

Publicação Mensal Vol. XXIII - Nº 265 Abril de 2020



*Sede de almas*





Santo Anselmo - Museu Nacional de Villa Guinigi, Lucca, Itália

## Fortaleza formidável

**S**anto Anselmo marcou o século XI por sua ciência, piedade e pelas lutas que travou. Olhando para a sua vida, tem-se a impressão de uma fortaleza formidável, um homem que encheu o seu tempo e cuja glória perdura por todos os séculos graças às vitórias obtidas por ele em favor da Fé.

A solidez, a força, a grandeza da Idade Média se mostram na estatura dos grandes homens que a marcaram. Com efeito, se não tivesse havido campeões como ele, a Igreja teria afundado. Portanto, a solidez não consistia em não haver luta, mas na existência de homens dispostos a combater em todos os sentidos.

É preciso estar lutando sempre, com uma energia inquebrantável, uma atividade contínua, um inteiro desprendimento de si, com os olhos postos completamente na Santíssima Virgem, para que a batalha seja levada a bom termo. Encontrando combatentes verdadeiramente dependentes de Nossa Senhora, a causa é solidíssima, vence mesmo.

Hoje, como durante o Reino de Maria, a nossa vida de luta deve ser constante. Precisamos nos penetrar de que no dia em que não tivermos lutado, não teremos carregado a cruz. Ora, para um católico, um dia passado longe da Cruz de Cristo e de Nossa Senhora é um dia frustrado. Peçamos a Ela que nunca permita um dia assim em nossas vidas.

(Extraído de conferência de 20/4/1966)



# Sumário

Vol. XXIII - Nº 265 Abril de 2020



Na capa, Cristo Crucificado  
Paróquia dos Jesuítas de  
Santander, Espanha.

Foto: Samuel Holanda

As matérias extraídas  
de exposições verbais de Dr. Plinio  
— designadas por “conferências” —  
são adaptadas para a linguagem  
escrita, sem revisão do autor

## Dr. Plinio

Revista mensal de cultura católica, de  
propriedade da **Editora Retornarei Ltda.**

ISSN - 2595-1599

CNPJ - 02.389.379/0001-07

INSC. - 115.227.674.110

### Diretor:

Roberto Kasuo Takayanagi

### Conselho Consultivo:

Antonio Rodrigues Ferreira

Carlos Augusto G. Picanço

Jorge Eduardo G. Koury

### Redação e Administração:

Rua Antônio Pereira de Sousa, 194 - Sala 27

02404-060 S. Paulo - SP

E-mail: editorareturnarei@gmail.com

### Impressão e acabamento:

Northgraph Gráfica e Editora Ltda.

Rua Enéias Luís Carlos Barbanti, 423

02911-000 - São Paulo - SP

Tel: (11) 3932-1955

### Preços da assinatura anual

Comum..... R\$ 200,00

Colaborador..... R\$ 300,00

Propulsor..... R\$ 500,00

Grande Propulsor..... R\$ 700,00

Exemplar avulso..... R\$ 18,00

*Serviço de Atendimento  
ao Assinante*

*editorareturnarei@gmail.com*

### EDITORIAL

4 *“Tenho sede”*



### PIEIDADE PLINIANA

5 *Oração pedindo a  
serenidade de ânimo*



### DONA LUCILLA

6 *Vivendo a Semana Santa*



### HAGIOGRAFIA

8 *Dique levantado contra a Revolução*



### DE MARIA NUNQUAM SATIS

13 *Considerações sobre o  
Segredo de Maria*



### A SOCIEDADE ANALISADA POR DR. PLINIO

18 *A arte de governar*



### CALENÁRIO DOS SANTOS

24 *Santos de Abril*



### REFLEXÕES TEOLÓGICAS

26 *A Igreja refulgirá com esplendor*



### LUZES DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ

30 *Cindindo a História de alto a baixo*

### ÚLTIMA PÁGINA

36 *Mediação de Maria suavemente expressa*



## “Tenho sede”

**T** imaginemos que um de nós estivesse acompanhando Nosso Senhor Jesus Cristo na sua Paixão, e Ele, a certa altura, pedisse um pouco de água. Levamos-Lhe um copo, o Divino Redentor bebe a água e, cheio de amor e dor, diz: “Mas, meu filho, tão pouco nesse copo?” E continua carregando a sede que por negligência não matamos. Não é verdade que isso nos marcaria até o fim da vida? Eu morreria inconsolável! Ora, isso é o que fazemos quando não Lhe damos o que Ele queria de nós.

Tomando em consideração que cada um de nós foi chamado a matar a sede do Redentor ao longo dessa Paixão atroz pela qual passa a Santa Igreja, e que essa sede nós mataríamos se oferecêssemos todo o esforço, todo o sacrifício que poderíamos fazer, quicá se Ele nos aparecesse, diria: “Meu filho, tão pouca água nesse copo?”

Esta é uma reflexão muito apropriada para a Semana Santa. Ele tem poucos a quem pedir isto; pede a nós, e damos os copos negligentemente cheios, de qualquer água do caminho, ao invés de procurarmos uma fonte com água magnífica e levamos uma jarra, para enchermos novamente o copo caso Ele queira beber mais.

Por exemplo: do que valem as nossas Comunhões, nosso Rosário? Se nos fossem pedidas contas, o que teríamos a dizer? E se não for suficiente? Se tal coisa que eu deveria ter dito com entusiasmo não o fiz?

Não pretendo acabrunhar ninguém com meditações muito pesadas, mas quando se aproxima a Semana Santa a ocasião é particularmente indicada para essas considerações. Aliás, a Igreja realiza cerimônias pungentes nesse período precisamente para tocar as nossas almas nesse sentido.

Por isso aconselharia o seguinte: na Sexta-Feira Santa, às três horas da tarde, considerar que Nosso Senhor está morrendo, e nesse momento, do alto da Cruz, Ele viu a vida inteira de cada um de nós e teve sede.

Quando Ele gemeu “*sitio*” – tenho sede –, sem dúvida padecia uma grande sede física, devido à enorme quantidade de sangue que vertera. Mas a principal era a sede de almas. Jesus teve, portanto, sede de incontáveis almas, dentre as quais estava a minha. Na medida em que correspondo ou não às graças que Ele conquistou para mim com sua Paixão, posso aumentar ou mitigar sua sede.

De maneira que cada um de nós tem o poder de atenuar o sofrimento d’Ele no alto da Cruz. Donde a importância de pensarmos: ao menos nesta hora eu vim me recolher, pôr-me diante do Santíssimo Sacramento, aos pés de uma imagem de Nossa Senhora e pedir que Ele toque minha alma, e dê vida a esses pensamentos.

Há uma canção muito piedosa a Nossa Senhora, que se costuma entoar durante a Via-Sacra, que diz em uma de suas estrofes: “*Sancta Mater istud agas: Crucifigi fige plagas corde meo valide*” – Santa Mãe, faz isto: fixa em meu coração, de modo efetivo, as chagas do Crucificado.

Pois bem, na Sexta-Feira Santa, às três horas da tarde, por exemplo, é o momento de dizer: “Santa Mãe, fixai as chagas do Crucificado no meu coração *valide*, ou seja, validamente, de fato.” E assim, não passarmos a Semana Santa com as futilidades da vida comum, mas mantermos firme no nosso espírito essa clave.

Melhor ainda seria se recitássemos os mistérios dolorosos do Rosário todos os dias nesse espírito e com esta ideia: “Em cada mistério atenuo as dores que Nosso Senhor Jesus Cristo sofreu naquele tempo.” Assim, estaremos dando-Lhe um copo d’água que Ele está nos pedindo.\*

\* Cf. Conferência de 7/4/1990.



**DECLARAÇÃO:** *Conformando-nos com os decretos do Sumo Pontífice Urbano VIII, de 13 de março de 1625 e de 5 de junho de 1631, declaramos não querer antecipar o juízo da Santa Igreja no emprego de palavras ou na apreciação dos fatos edificantes publicados nesta revista. Em nossa intenção, os títulos elogiosos não têm outro sentido senão o ordinário, e em tudo nos submetemos, com filial amor, às decisões da Santa Igreja.*





Simeão apresenta à Santíssima Virgem os pretendentes ao casamento  
Museu Paroquial de Paredes de Nava - Espanha

Flávio Lourenço

## *Oração pedindo a serenidade de ânimo*

**C**onsiderando que uma alma nos ajuda no Céu, sobretudo para a prática das virtudes de que deu especial exemplo na Terra, e para a vitória contra as dificuldades que nesta vida teve que enfrentar, peço-Vos, ó minha Mãe, que me concedais a graça da admirável e exemplar serenidade de ânimo da qual destes prova, mesmo nos lances mais trágicos de vossa vida.

Portanto, diante das apreensões mais negras, dos abandonos mais cruéis, dos tratos mais injustos, ajudai-me a manter-me recolhido, distante dos acontecimentos que possam perturbar-me e tirar a minha alma da serenidade na qual recebe as graças celestes. Amém.





# Vivendo a Semana Santa

Na Sexta-Feira Santa, Dona Lucilia promovia em sua residência um ato de piedade marcado pelo respeito, veneração e amor com que ela, em todas as circunstâncias da vida, se referia a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Paixão d'Ele, fazendo considerações repassadas de unção, adoração, recolhimento, compreensão e meditação.

**C**om a decadência do clero no tempo em que Dona Lucilia era moça, sob esse pretexto, o pai dela mantinha a família afastada de grande número das celebrações religiosas. Missa aos domingos, sempre. Mas, por exemplo, bênção do Santíssimo Sacramento e outras cerimônias, bem mais raramente.

Por isso, mamãe estava habituada à Semana Santa como uma coisa que se realizava fundamentalmente para ela em casa. Depois, acrescentou-se a isso o fato de seu estado de saúde ser continuamente ruim, tornando-lhe difícil sair de casa.

## *Profundamente compenetrada da seriedade da Semana Santa*

Apesar do espírito hollywoodiano liberal que vinha penetrando na sociedade paulista, na Semana Santa todo o ambiente doméstico era impregnado de muito recolhimento e compostura. Infelizmente, muitas pessoas de nossa família tinham a respeito das comemorações em torno da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo meras impressões e emoções. Dona Lucilia, entretan-

to, tomava tudo profundamente a sério, e era a promotora do ato de piedade que se realizava na Sexta-Feira Santa em casa de minha avó, onde morávamos.

O escritório de meu falecido avô, por respeito à memória dele, era mantido sempre fechado. Abria-se, naturalmente, para limpeza e mais na-







Cristo jacente - Catedral de Segóvia, Espanha

da, ninguém o usava. Nesse dia, entretanto, ele era aberto e vinham todos os descendentes de minha avó para rezar lá. Era mamãe quem puxava as orações, adaptando-as segundo as circunstâncias da família, ora mencionando tal parente ou conhecido que estava doente, ora por tal falecido. Havia, sem dúvida, uma certa compenetração de todos os presentes no ato que se realizava, mas a mais compenetrada, de longe, era ela.

### *Íntimas disposições de alma, repassadas de unção e adoração*

Posso imaginar o que se passava no interior de mamãe a propósito da Semana Santa pelo respeito, pela veneração, pelo amor com que ela, em todas as circunstâncias da vida, se referia a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Paixão d'Ele, muito especialmente à sua Morte. Eram considerações repassadas de unção, adoração, recolhimento, compreensão e meditação. De maneira que,

apesar da discrição dela, posso bem imaginar como o seu espírito se punha à vista disso.

Entretanto, segundo os hábitos daquele tempo, certas disposições de alma muito íntimas não se comunicavam. Assim, nem ela nem eu falamos jamais sobre isso, embora ela me visse seguir a Semana Santa com toda a assiduidade, e comparecer aos atos litúrgicos levando o livro para acompanhar o ofício. Depois eu comentava alguma coisa que me ocorresse sobre a cerimônia, mas com naturalidade, sem nada de forçado. Ela prestava muita atenção, conversávamos, mas sobre o âmagdo do assunto não falávamos.

Era o modo de ser naquele tempo. Será o ideal? Será assim no Reino de Maria? Eu creio que no Reino de Maria muitas coisas vão ser diferentes, mas parece-me que isso se passava legitimamente assim. ❖

*(Extraído de conferência de 2/4/1983)*

Cristo atado à coluna - Mosteiro de Santa Ana, Jumilla, Espanha



# *Dique levantado contra a Revolução*

Pregação de  
São Vicente  
Ferrer - Museu  
de Capodimonte,  
Nápoles, Itália

No século XIV havia grande putrefação do clero, cuja consequência era a corrupção dos fiéis. Assim, toda a Idade Média entrava em deterioração moral, com uma explosão de orgulho e de sensualidade, a qual geraria depois os desvios intelectuais. Contra esses vícios lutou São Vicente Ferrer.



**D**evemos comentar uma ficha referente a São Vicente Ferrer. Sobre ele diz o Padre Rohrbacher<sup>1</sup>:

### *Reprendia os vícios não só do povo, mas dos príncipes e prelados*

*Vicente Ferrer nasceu na Espanha, em 1357. Sua vocação foi anunciada a seus pais de forma miraculosa, antes de seu nascimento. Ao seu Batismo correu toda a cidade de Valência, sendo seus padrinhos os membros do Conselho Municipal. Entrou para a Ordem Dominicana aos dezoito anos, revelando logo rara inteligência e dotes para a pregação.*

*Em 1405, o Papa Bento XIII chamou São Vicente Ferrer a Gênova, onde este santo pregador recebeu do doge grandes demonstrações de respeito e consideração. Mas como lhe pedissem que usasse do crédito que tinha ante esse magistrado para que salvasse a vida de um homem de Valência, condenado à morte por seus crimes, demonstrou São Vicente tanto zelo pela justiça que, embora o criminoso fosse de seu país, julgou que não devia interceder por um homem que não merecia. Tudo que fez foi pedir que mudassem o gênero de seu suplício.*

Vemos aqui a ideia oposta à que a “heresia branca”<sup>2</sup> quer inculcar sobre como deve ser necessariamente um Santo. Sem dúvida, é próprio a um Santo pedir que seja indultada uma pessoa ameaçada pela pena de morte. Mas isto desde que haja propósito, uma

razão de ser. Não havendo, o Santo não o faz porque ele procede em tudo com conta, peso e medida e, sobretudo, sabe haver circunstâncias nas quais a pena de morte não só é indicada, mas não deve ser revogada.

É o contrário da noção que muitas pessoas têm de um Santo. Para essas, a pena de morte é intrinsecamente má e um Santo deve sempre pedir que não seja aplicada. Segundo essa mentalidade, quem for solidário com a execução da pena de morte passa por ser um indivíduo necessariamente de mau coração. Não é um “homem de boa vontade”, para usar a expressão tão cara e deturpada em nossos dias. Aqui temos uma colisão entre

o procedimento de um Santo e as ideias da “heresia branca” a respeito de santidade que circulam por aí.

*Reprendia São Vicente, com uma autoridade cheia de audácia, os vícios não só do povo, mas ainda dos príncipes e prelados. E não perdoava ninguém cuja conduta escandalosa era digna de reprovação. Entretanto, tinha certa moderação e cuidado para com os eclesiásticos, para salvar a honra de seu caráter, fazendo a repreensão em particular. Fazia o mesmo com as religiosas que tinham dado margem para que falassem pouco lisonjeiramente de suas condutas.*

Evidentemente, sendo possível repreender em particular é muito melhor. Porém, uma pessoa imbuída da mentalidade “heresia branca” objetaria: “Um Santo não repreende prelados, porque acha que todos eles são santos...”

### *Deve-se estudar para dar glória a Deus e santificar a própria alma*

*Conselhos de São Vicente aos que estudam: quereis estudar de maneira a vos ser útil? Que a devoção vos acompanhe em todos os vossos estudos e vosso fito seja alcançar a santificação, e não a simples habilidade.*

Essa é uma recomendação muito importante. Quer estudar bem? Não deve fazê-lo simplesmente por estudar, porque este é um espírito superficial que não encontra nem aprende nada verdadeiramente. Deve-se estudar para conhecer, em última análise, Deus



Flávio Lourenço

São Vicente Ferrer diante do Duque da Bretanha, Catedral de São Pedro, Vannes, França





Fotos: Flávio Lourenço



Nesta página e na seguinte: cenas da vida de São Vicente Ferrer - Museu de Belas Artes, Valência, Espanha



Nosso Senhor, com vista a Lhe dar glória e a santificar a própria alma.

*Consultai mais a Deus do que aos livros e pedi-Lhe com humildade a graça de compreenderdes o que ledes.*

Consultar mais a Deus do que aos livros significa rezar e considerar as coisas em função do Criador. Devemos, pois, pedir o auxílio divino e analisar tudo em relação a Ele. Este pensar, remoer e remexer as cogitações internamente, relacionando todas as coisas com o Onipotente, é mais importante do que ler e constitui uma das formas de oração, porque é elevar a mente a Deus.

*O estudo fatiga o espírito e seca o coração: ide de quando em quando reanimá-lo um tanto aos pés de Jesus Cristo. Alguns momentos de repouso em suas chagas sacrossantas vos dão renovado vigor e novas luzes. Interrompei vosso trabalho com jaculatórias.*

O que ele diz a respeito de jaculatórias de vez em quando, suspender

o estudo para meditar nas chagas de Nosso Senhor é tão verdade que pode ser considerado com mais amplitude. Ao estudar, se é um estudo puramente técnico, devemos de vez em quando interrompê-lo para pensar em algo elevado, que nos conduza a Nossa Senhora, ainda que seja uma coisa terrena: algum belo lance da História da Igreja ou da Civilização Cristã; algum belo aspecto da arte católica, etc., para distender o espírito.

Isto, por sua vez, é o contrário do que se chama “mentalidade politécnica”. Entretanto, há também um modo “politécnico” de fazer jaculatórias. É o seguinte: “Vou fazer de dez em dez minutos uma jaculatória.” É incomparavelmente melhor do que não fazer, mas não é o modo ideal, porque a jaculatória deve corresponder a um anseio da alma. Quando a alma não sente esta necessidade, então se faz de dez em dez minutos, empregando o princípio de que “quem não

tem cão, caça com gato”. Ainda assim é muito bom, porém o verdadeiro é sentir essa necessidade de alma, de vez em quando, e fazer jaculatórias.

*Que a oração, enfim, preceda e termine vosso trabalho. A Ciência é um dom do Pai das luzes. Não a olheis, pois, como obra de vosso espírito e de vosso talento.*

De fato, a maior parte das pessoas considera que o seu enriquecimento cultural é fruto do próprio espírito e talento. Ora, precisamente essas enganam-se de um modo cabal.

## *Em suas pregações falava contra o pecado, sobre o juízo de Deus, o Inferno*

*Vicente acompanhou o Cardeal Pedro de Luna a Avignon, sendo que algum tempo depois este foi eleito Papa sob o nome de Bento XIII, na época do grande cisma que dividia a Igreja. O novo Papa quis que Vicente fos-*





e a aceitação completa de Martinho V, eleito pelo Concílio de Constança, São Vicente veio a falecer na Bretanha, em 1419, aos sessenta e dois anos de idade.

### *Depois dos Apóstolos, provavelmente foi o maior pregador popular*

Poucas coisas são bonitas na vida dos Santos quanto situarmos a missão deles no panorama da luta entre a Revolução e a Contra-Revolução.

De acordo com esse panorama, na Europa do século XIV, a Cristandade começa exatamente a entrar em declínio. Era uma decadência eclesiástica terrível que se atestava pelo fato de haver papas exilados em Avignon, sob a férula dos reis da França, um cisma tremendo. Três “papas” que se combatiam reci-

se seu auxiliar, mas o Santo sabia não ser esta a sua missão. Assim, deu início à grande obra de evangelização como pregador. Percorreu a França, Espanha, Itália e Inglaterra; esta última por especial pedido do Rei Henrique IV. Os pecadores mais endurecidos não resistiam às suas palavras, assim como numerosos judeus, muçulmanos e cismáticos se convertiam.

A ignorância e a corrupção dos costumes, consequências comuns da guerra e do cisma, tornaram necessárias as missões de Vicente. Era preciso um apóstolo cuja voz terrível pudesse abalar as consciências a fim de arrancar os pecadores de suas desordens.

O Santo tratava comumente dos temas mais assustadores do Cristianismo, tais como o pecado, o juízo de Deus, o Inferno e a eternidade. Tinha, além disso, o dom de pronunciar seus discursos da maneira a mais patética. Não se contentando em ser veemente, ele falava ainda de uma maneira pro-

porcionada à compreensão dos ouvintes. A santidade de sua vida dava nova força às suas palavras.

Sua fama chegou ao reino mouro de Granada, cujo soberano quis ouvi-lo. Entretanto, São Vicente começou a promover tantas conversões, que os ministros do rei, temerosos do que sucederia à crença muçulmana, pediram-lhe que afastasse dali o grande pregador.

Depois de uma existência toda consagrada a levar almas para Deus, pontilhada de milagres sem conta e pela luta contra o doloroso cisma de Avignon, que culminou pela condenação do antipapa Pedro de Luna



**Púlpito do qual pregou São Vicente Ferrer - Catedral de Valência, Espanha**





procamente, dos quais, naturalmente, um só era válido. Mas tal era a confusão na Cristandade que, ao lado de cada pseudopapa ou do papa, havia Santos que os apoiavam.

Compreende-se, para isso ser possível, o que significava de putrefação do clero, a qual trazia como consequência a corrupção dos fiéis. Assim, era toda a Idade Média que entrava em putrefação, de caráter mais moral do que intelectual. Não se tratava tanto de uma grande heresia, mas de uma deterioração moral, uma explosão de orgulho e de sensualidade que começava, a qual deveria gerar depois os desvios intelectuais que são os erros da Revolução.

Então a Providência enviou, muito adequadamente para essa época, um Santo que foi grande em sua esfera própria como, por exemplo, o foi São Tomás de Aquino na sua. Porque, se podemos dizer que São Tomás de Aquino foi o Doutor comum, o filósofo dos filósofos, o teólogo dos teólogos, o mestre dos mestres, podemos afirmar que, como pregador popular, depois dos Apóstolos provavelmente ninguém excedeu a São Vicente Ferrer. Nem mesmo Santo Antônio Maria Claret, que no século XIX foi um pregador assombroso, teve de longe a expressão de São Vicente Ferrer.

Ele dizia de si mesmo que era o Anjo do Apocalipse, que tinha vindo para anunciar a derrocada da Civilização Cristã e o começo do fim do mundo. Com efeito, ele lutou enormemente para a moralização dos costumes, com vistas a sustar essa decadência moral.

## *O Santo oposto à tibieza*

Nesse sentido essa ficha é muito sintomática porque fala de conversões de judeus, maometanos, he-

reges, mas as menciona como fatos colaterais, de uma importância menor dentro do conjunto da obra dele. Enquanto o grande acontecimento era o poder de sua pregação pela qual ele sacudia as consciências meio adormecidas, sendo assim, por excelência, o Santo oposto à tibieza, porque esse tipo de pregador que fala a respeito do Inferno, dos pecados, que tonitrua, pede o castigo do Céu, é exatamente o Santo chamado para falar, não às almas fervorosas, mas sobretudo às tíbias, e feito para sacudir aquelas que de outro modo não se podem convencer. Então se compreende o número colossal de conversões operadas por ele.

Contudo, por mais numerosas que tenham sido, essas conversões foram insuficientes. Delas não surgiu

um movimento, uma corrente organizada para combater a Revolução que nascia. O resultado é que São Vicente Ferrer converteu muitas almas, mas não a Cristandade, não converteu a sociedade enquanto tal, pois ele não foi tão ouvido pelos homens de seu tempo quanto eles deveriam tê-lo escutado.

Então, São Vicente Ferrer foi o dique que a Providência levantou contra a Revolução, mas que a maldade dos homens destruiu. Entretanto, na abertura dessa torrente que começa a cair para o abismo, fica de pé a figura grandiosa dele, anunciando as catástrofes que provinham do fato de ele não ter sido ouvido, exatamente como a de um profeta do Antigo Testamento anunciando desgraças ao povo eleito porque não tinha dado atenção aos enviados de Deus.

Assim fica a imensa figura de São Vicente Ferrer pairando no firmamento da Igreja, num pórtico que é o fim da Idade Média e pode ser considerado o começo da Revolução. ❖

*(Extraído de conferências de 4/4/1966 e 4/4/1967)*



João C. V. Villa

São Vicente Ferrer  
Igreja de São Domingos,  
Cuenca, Equador

- 1) Cf. ROHRBACHER, René-François. *Histoire Universelle de l'Église Catholique*. Paris: Librairie Louis Vivès, 1901. v. X, p. 39-110.
- 2) Expressão metafórica criada por Dr. Plínio para designar a mentalidade sentimental que se manifesta na piedade, na cultura, na arte, etc. As pessoas por ela afetadas se tornam moles, medíocres, pouco propensas à fortaleza, assim como a tudo que signifique esplendor.





# Considerações sobre o Segredo de Maria

Analisando a frase de Dona Lucilia “viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem”, Dr. Plinio fala sobre o Céu, a vida nesta Terra e a respeito do mistério de Nossa Senhora. Tais reflexões ficam como semente em nossas almas, a qual a graça no momento oportuno fará frutificar. Esses temas, suscitados a propósito de Nosso Senhor Jesus Cristo, são montanhas da cordilheira que é o Segredo de Maria



Flávio Lourenço

**P**ensando a respeito do Segredo de Maria, do qual fala São Luís Grignon de Montfort, veio-me a seguinte consideração:

## *A mais alta atividade do homem na Terra*

Nossa Senhora é tão grande que poderia ser comparada a um monte o

qual se perde nas névoas e cujo cume reaparece, de repente, por cima das nuvens. Tudo n’Ela é segredo, porque é completamente desproporcionada em relação a nós. Ela é incomparável!

Entretanto, a meu ver, o conjunto desses segredos desfecha num outro que é uma espécie de píncaro dos píncaros dos segredos. E se fôssemos elaborando um catálogo a respeito deles,

conseguiríamos, talvez, fazer a ideia geral do que é esse Monte incomparável.

Quando minha mãe disse “viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem”, tive uma espécie de choque e pensei: “Como ela, que é uma pessoa de inteligência comum, com a cultura própria às senhoras do tempo dela, portanto em nada uma universitária, sai com isso que revela





## DE MARIA NUNQUAM SATIS

Flávio Lourenço



Fuga para o Egito - Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal



Encontro do Menino Jesus no Templo, entre os doutores - Museu Casa do Rei, Bruxelas, Bélgica

Flávio Lourenço

uma profundidade em que eu não tinha cogitado?” Várias vezes pensei nisto: “No fundo, a sociedade de almas é feita de ‘estar juntos, olhar-se e querer-se bem’.”

Fazer isso noite e dia supõe, em contrapartida, também rejeitar quem deve ser rejeitado, não querer bem os lados que não se deve querer bem, e não olhar. Agir assim é fazer um uso adequado dessa atribuição, dessa atividade.

De fato, isso é a essência da vida dos homens na Terra, o mais alto meio que se tem para chegar a Nosso Senhor, porque na visão beatífica é isso que vai haver. Quando Ele diz: “Eu serei a vossa recompensa demasiadamente grande” (cf. Gn 15, 1), a ideia que se tem é de que isso se realizará estando junto a Ele, olhando-nos e nos querendo bem, reciprocamente. O Céu é isso.

Logo, a mais alta atividade do homem na Terra é “estar junto, olhar e querer bem” àqueles em relação aos quais, por vontade divina, ele deveria fazer. Por isso, nós também somos responsáveis por termos recusado aqueles que não deveríamos recusar, ou aceitei quem não deveríamos aceitar, ou ainda por não termos dado a cada um daqueles que, segundo o desígnio da Providência, deveríamos encontrar no nosso caminho, aquilo de “estar junto, de olhar-se e querer-se bem” próprio a cada um, nos planos de Deus. Se todos fizessem isso, teríamos outra ideia da vida humana que habitualmente as pessoas não possuem.

Isso supõe uma finura de percepção psicológica que não é apenas uma penetração como se concebe no discernimento dos espíritos, mas também um estado de alma pelo qual se entra em consonância com os outros, sentindo-

-se mutuamente. Esse é um elemento fundamental, de maneira que uma atitude de piedade tomada pelo outro repercute em nós, como também um movimento piedoso que tenhamos repercute nele. Por outro lado, os defeitos repercutem também mutuamente à maneira de um golpe, de uma tristeza e, conforme o caso, de uma recusa. Esta perfeita entrosagem faz propriamente a essência da vida.

### *Trinta anos de convívio na casa de Nazaré*

Nosso Senhor Jesus Cristo, ao elevar a sua arqui criatura, Maria Santíssima, pelo “estar juntos, olhar-se e querer-se bem”, ao arquipíncaro ao qual Ela era arquichamada, levanta atrás d’Ela todo o gênero humano e coloca entre os homens a possibilidade dessa sociedade de almas



numa clave que não havia antes, da qual até os pagãos, sem o saberem, de algum modo foram beneficiados, mesmo sem terem conhecimento da existência d'Ele e d'Ela.

Nisto está uma explicação dos trinta anos de convívio na casa de Nazaré precisamente porque, se Nossa Senhora não realizasse toda a santidade a que foi chamada, o plano de Deus para o mundo inteiro não se realizaria, segundo os desígnios d'Ele.

Para termos uma ideia disso, imaginemos um homem a quem Deus conferisse o poder de fazer nascer o Sol. E que então poderia escolher, a cada dia, onde e como despontar o Astro-Rei para determinar sobre a face da Terra a mais bela aurora possível. Isso seria a vida desse homem. Ora, Nosso Senhor fez isso com sua Mãe Santíssima. Ela é o Sol que Ele fez nascer. Então, pode-se imaginar

a consolação, o gáudio d'Ele atuando todos os dias e o dia todo sobre Nossa Senhora, e Ela dando continuamente a mais perfeita correspondência possível à ação de seu Divino Filho que, com encanto indizível, contemplava a ascensão d'Ela de arrebol em arrebol. Acrescentemos a isso a consideração de que Ela era o Paraíso de Deus, e compreenderemos bem o que foram esses trinta anos de convívio.

Entretanto com uma circunstância: nasce um segredo. No início de sua Paixão o Divino Redentor teve aquele desfalecimento em que Ele foi ajudado por um Anjo. É, no fundo, uma coisa incompreensível que um Anjo O tenha auxiliado, mas Ele quis isto. Será que, na previsão da Paixão, Nosso Senhor não quis ser amparado por Nossa Senhora, de maneira a Se ajudarem mutuamente?

Não podemos imaginar que, estando sujeitos à condição terrena e tendo o Verbo Se encarnado para sofrer a Paixão redentora, Eles pasassem trinta anos de mero gáudio, sem que conversassem sobre a Cruz. É claro que a Santíssima Virgem deve ter perguntado ao Homem-Deus a respeito da Redenção, a fundo; tanto mais que era Ela mesma a Co-Redentora do gênero humano.

Por isso, parece-me inconcebível que não tenham tratado sobre a Paixão e Morte de Jesus e, portanto, que não tenham sofrido com isso, sendo esse sofrimento d'Eles interpenetrado por uma união de almas intimíssima. Vou dizer mais: tenho a impressão de que essa união atingiu o seu ápice a propósito da Cruz. Porque quando duas pessoas sofrem juntas, rumo ao mesmo ideal, elas se unem de um modo que nada mais faz unir tanto assim.



A Sagrada Família em seus afazeres  
Igreja da Mercê, Salta, Argentina



Jesus abençoa sua Mãe Santíssima  
Museu de Belas Artes, Lille, França





Então, o que terão conversado sobre tudo isso? O que Ele terá instruído a Ela? Que perguntas Ela terá feito a Ele?

### *Barreira entre Nosso Senhor e sua Santíssima Mãe*

Toda a vida causou-me uma impressão profundíssima o encontro de Nosso Senhor com Nossa Senhora na *Via Crucis*, que foi o prelúdio da última ajuda, a qual se daria no cimo do Calvário onde, estando Ele no alto da Cruz, ampararam-Se mutuamente.

Por fim, a última despedida, quando a Mãe Dolorosa ouviu o brado: “Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonastes?” (Mt 27, 46).

Esse brado parece-me conter uma constatação terrível: é que, com isso, Nosso Senhor dizia que a própria presença de Nossa Senhora tinha se tornado insensível para Ele. Quem sabe se também d’Ela teria sido pedido esse sacrifício, de maneira que Ele tenha Se tornado insensível para Ela naquele momento! É possível.

Como o martírio d’Ele era mais interior do que físico, também o pior abandono deveria ser interior. Se Ele estivesse inundado de consolação, não teria bradado “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?” Ora, Jesus tinha ali a sua Mãe a qual valia incomparavelmente mais do que toda aquela canalhada que estava lá. Nem se pode comparar, pois a simples comparação já é uma blasfêmia.

Consideremos que a dor de Nosso Senhor

por aquilo tudo que estava se passando era tal que Ele Se sentia abandonado pelo Pai Celeste, quando foi o próprio Pai Celeste Quem mandou Nossa Senhora para ajudá-Lo. Fazendo uma comparação entre a taça com o líquido que Ele bebeu no Horto das Oliveiras e a presença de Nossa Senhora, essa taça não seria prenunciativa da presença d’Ela junto à Cruz? Não foi exatamente Maria Santíssima Quem deu forças a Ele? Entretanto em certo momento Nosso Senhor não sentia mais essa sustentação.

Podemos ter uma ideia de qual foi a dor d’Ela nesse momento se transpormos essa situação para termos meramente humanos. Um homem está morrendo de uma doença tragicamente dolorosa num hospital, e a sua mãe o assiste com todos os mil

desvelos possíveis e imagináveis. Em certo momento ele lhe diz: “Mamãe eu vou lhe fazer uma confidência: de momento, não sinto afeto nenhum pela senhora; e tanto a senhora podia estar aqui como na Cochinchina, pois tal é a dor na qual estou absorvido e precipitado que a sua presença não me adianta de nada: Estou perdido no *mare magnum* dos tormentos.”

A hora em que desceu essa barreira entre Nosso Senhor e sua Santíssima Mãe, e aquele “estar juntos, olhar-se, querer-se bem” se rompeu ainda que fosse na aparência, o tormento que isso devia representar para Ela é inimaginável. Entretanto, a Virgem Maria teve que passar por isso.

### *Montanhas da cordilheira que é o Segredo de Maria*

Ao que parece, os Apóstolos levaram muito tempo para procurar Nossa Senhora, porque ao pé da Cruz só estava São João. Mas para se aproximar d’Ela, depois de tudo quanto tinham feito, qual não seria o mal-estar, a vergonha...

Creio que eles se sentiram meio traidores, no sentido de não terem sido fiéis no cumprimento da missão deles. Quiçá alguns deles, senão todos, puseram-se a andar pelas ruas de Jerusalém meio desatinadamente, e quando se viam não tinham sequer coragem de se olhar e passavam um longe do outro.

De repente, um deles passa perto de um homem e de uma mulher, e esta se gaba de



Encontro de Jesus com sua Mãe no caminho do Calvário - Igreja de São Pedro, Gante, Bélgica





Nosso Senhor crucificado (acervo particular)

ter dado uma bofetada em Jesus. E o homem diz: “Isso não é nada, eu O joguei no chão...”

Um Apóstolo que visse isso sairia de Jerusalém pelo campo afora correndo, sem saber para onde ir. Imaginem um outro que estivesse no terraço de uma casa e o vento trouxesse para ele o eco da voz de Nosso Senhor bradando de dor em algum lugar...

Se um Anjo nos fizesse ouvir um brado, um gemido d’Ele, púnhamos de joelhos e ficávamos rezando indefinidamente... Imagine, então, quem tinha ouvido aquela voz durante três anos, admirando todas suas inflexões, e compreendia toda aquela dor... Eu não teria a menor surpresa se algum deles tivesse morrido de dor, só por pensar: “Por

que fizemos isso? Mas meu Deus do Céu, como era possível!?”

Daria vontade de se ajoelhar, oscular o chão e dizer: “Eu não ousou pedir que a minha voz asquerosa chegue até Vós, Senhor, mas vou procurar a vossa Mãe. Não tenho outra saída, eu vou procurá-La.”

Por fim, fazendo uma análise desta conferência, podemos afirmar que o tema relativo a Nossa Senhora foi sondado por nós e transportado para as analogias com a vida nesta Terra, com a nossa vocação e os nossos deveres. Ademais, foi feito um aprofundamento do mistério d’Ela e, em função disso, também do mistério existente no nosso relacionamento. Porque sou propenso a afirmar que há qualquer coisa de nossa vocação iluminada por

um discernimento, sem o qual tudo nela se torna misterioso, e nós não compreendemos.

Então, do que adiantam essas considerações? Eu tenho a impressão de que isso fica como semente em nossas almas, e que a graça no seu momento oportuno fará frutificar, render. São temas suscitados a propósito de Nosso Senhor Jesus Cristo os quais, por si, já são montanhas da cordilheira que é o Segredo de Maria.

Afinal de contas, em presença do que a Fé nos ensina sobre Nosso Senhor, Nossa Senhora, a Igreja, nós estivemos juntos, nos olhamos e nos quisemos bem. ❖

*(Extraído de conferência de 6/9/1986)*



# A arte de governar

Para bem governar é necessário discernir a ação da graça conjugada com os fatores naturais do povo e do lugar, favorecendo a prática da virtude e combatendo o mal de todos os modos.

**A**o analisarmos o Brasil vemos que, ainda em nossos dias, ele tem na maior parte do seu território uma expansão demográfica desproporcionada com a área de habitação, ou seja, uma área imensa que a população tem certa dificuldade de preencher. De maneira que se estabelecem núcleos de população aqui, lá e acolá, espalhados de tal maneira que o intercâmbio em muitas partes do Brasil ainda é difícil.

## *Famílias de almas levadas à harmonia e afinidade*

Essa dificuldade faz com que haja isolamentos e tendência a formar zonas com mentalidades e características distintas, constituindo um país com as variedades mais numerosas, entretanto com certa harmonia que a índole brasileira põe nas coisas, pela qual os Estados do Nordeste, por exemplo, constituem uma espécie de sociedade com talento e modo de encarar a vida

peculiares, uma filosofia própria, em íntima conexão com o panorama, com as possibilidades do local, os recursos materiais que apresentam, mantendo uma coesão íntima.

Para mim, o Nordeste acaba no limite entre a Bahia e Minas Gerais. Dois Estados tão diferentes quanto possível, entretanto suas fronteiras não dão lugar a entreechoque. Pode ter havido arranhões, coceiras, mais nada. Por miscigenação, mas também pelo desejo de uma vida harmonio-



Praça do Ferreira, em Fortaleza, Ceará, no início do século XX



Avenida Marquês de Olinda, em Recife, Pernambuco, no início do século XX





Vista de São Luís do Maranhão

sa acima de tudo, arranja-se um jeito de aparecer um tipo humano abaianado na fronteira entre ambos os Estados, que é mineiro, mas no qual está presente a Bahia. E que tem, portanto, certos *charmes*, certo jeito, certos predicados da Bahia que são únicos.

Há uma espécie de permeação das fronteiras, do baiano amineirado

e do mineiro abaianado que não se fundem inteiramente, mas tudo isso convive dentro de uma sobra de terras, e com uma grande vontade de não brigar. Não é apenas dizer que esses elementos intermediários evitam a briga. Mais ainda: essa briga nem se esboça nem é um desejo.

O baiano de Salvador já nem pensa em Minas, assim como o belo-horizontino nem cogita na Bahia. Porém, há de fato uma espécie de permeação que faz com que o espírito, a inteligência, o talento, a graça formem quase uma nação, mas sem vontade de ser uma nação, não quer separar-se, nem se preocupa em preservar-se; nasce como uma planta no campo, sem instinto de conservação, que se esparrama quanto pode e quando a ceifam ela não chora.

O Maranhão ainda pertence ao Nordeste, mas a meu ver o Pará é uma zona de encontro da Amazônia com o Nordeste.

Depois, abaixo de Minas, apesar de todas as diferenças, eu reputo que São Paulo e Rio formam culturalmente um só bloco, indiscutivelmente muito diferenciado, mas que de algum modo se prolonga até o Paraná, separado dos gaúchos por Santa Catarina, que constitui uma cortina com características próprias que tem e não tem muito prolongamento na zona alemã do Rio Grande do Sul.

Em todos esses Estados foram se formando famílias de almas, levadas a uma espécie de harmonia e de afinidade que tem sua relação com o que aconteceu no lado hispano da América do Sul.

### *Formação de regionalismos possantes na Europa*

Enquanto a Espanha metropolitana é cheia de heterogeneidade, vemos que a “Espanha” sul-americana tem muito menos oposições entre países e países, do que, por exemplo, na zona norte da Espanha entre duas ou três faixas de populações existentes ali. Contudo, não há essa homogeneidade brasileira. Aqui somos irmãos, ali são primos muito achegados, mas primos.

Entretanto, de um lado e de outro dessa linha divisória entre hispano e luso houve o mesmo fenômeno, pois também Portugal é muito mais diferenciado dentro de si do que o Brasil. Já a Espanha é muitíssimo mais diferenciada em seu interior do que a América espanhola. Nesta, porém, veem-se também as mesmas sobras de espaço e a formação das mesmas “ilhas” ou “arquipélagos” de regionalismos que começaram a florescer e que teriam dado, cada qual, algo bem original, interessante, se não fossem certas circunstâncias que descreverei daqui a pouco.



Vista de Mossoró, Rio Grande do Norte



Praça João Lisboa, São Luís, Maranhão





## A SOCIEDADE ANALISADA POR DR. PLINIO

Para compreendermos bem a energia desse fenômeno, que a meu ver fica no fundo de uma descrição do Brasil, antes de voltar a esta eu queria considerar um fenômeno análogo curioso.

As invasões dos bárbaros na Europa representaram qualquer coisa assim. O Império Romano era muito pouco numeroso para povoar as vastidões que conquistara. Entraram por cima os bárbaros e quebraram o Império Romano. Depois disso, cansaço geral, zonas vastas entre uns e outros povos e a formação de regionalismos possantes.

### *O absolutismo real quis acabar com os regionalismos*

Mas não havia nenhuma força empenhada em abafar esses regionalismos, nada colaborava para estancá-los. Daí veio a Europa com suas demarcações, suas diferenças, suas riquezas. Mesmo assim, a partir da Revolução começou a trama para homogeneizar artificialmente a Europa.

Ninguém sabe o que teria sido o Velho Continente se não fosse o absolutismo real que, de um jeito ou de outro, tomou conta de todos os paí-

ses europeus. Alguém objetará: “Na Alemanha, não.” Devagar... A Prússia foi um foco de absolutismo medonho nas próprias fronteiras, e a Casa d’Áustria, em seus próprios limites, constituiu Estados absolutistas sem regionalismos. De maneira que o mundo alemão era isso também: Baviera, Saxe, Württemberg assim fizeram nos seus âmbitos internos.

Os outros Estados não realizaram porque não podiam, e era o que havia de mais sadio na Alemanha, uma espécie de magma de quinhentos ou seiscentos pequenos príncipes soberanos, senhores de uma aldeia e metade da ponte que dava para a aldeia vizinha..., mas soberanos! Mandando delegações falar com o rei da França, discutir com o imperador, brigar com o rei da Prússia, etc., com peso.

Aquilo que houve de mais regional e sadio no continente europeu foi a Europa antes do Renascimento. Um pouco os Países Baixos, o antigo reino de Lotário, feito de cidades livres, feudos e pequenos reinos, e assim ficou até o fim, com um regionalismo muito marcado.

### *No período do Brasil-colônia trabalhou-se para a centralização*

No Brasil, a formação de blocos isolados teria dado, *mutatis mutandis*, regionalismos contra os quais também houve o intuito de liquidar. Portugal fundou aqui as Capitanias, as quais deram em fracasso porque a nobreza a quem foram concedidas desejava viver em Lisboa. Já não era a nobreza feudal, mas a dos tempos modernos, do século XVI, que queria fazer navegações fabulosas, porém não se estabelecia nos lugares por onde navegava. Em geral, os nobres voltavam a Portugal, não pediam para serem vice-reis vitalícios e hereditários em algum lugar que eles descobrissem, nem o rei permitia. A tendência do monarca era de fazer daqueles Estados todos uma monarquia absoluta, unitária, com cada conquista portuguesa funcionando à maneira de província.

Tomemos, por exemplo, Goa, Damão, Diu, enclaves portugueses na Índia. Para a ótica portuguesa absolutista são províncias. O rei enviava um governador para Goa como manda-



Encontro de São Leão Magno e Átila - Museu do Vaticano



va para Beira. Também em Moçambique e Angola foi assim. Dessa maneira o regionalismo não se desenvolve, porque enquanto não houver elites regionais não há regionalismo. E este sistema não era inteiramente impeditivo, mas criava largos obstáculos à formação de elites regionais.

O Brasil teve um governo geral, depois foi dividido em dois governos gerais, e mais tarde voltou a ter um único governo geral que, por fim, transformou-se em vice-reinado. Tudo isso mandado fazer sucessivamente por Portugal, a partir do Paço de Belém. As Capitânias foram lentamente absorvidas, enquanto o mesmo povo, em Lisboa, ia “comendo” os regionalismos dentro do próprio Portugal.

Então, no período do Brasil-colônia tivemos um primeiro trabalho para centralizar, ao invés de estimular os regionalismos que, apesar de tudo isso, de algum modo foram se formando a ponto de nos ter sido possível descrever as diferenças entre os diversos Estados brasileiros. Mas essas diferenças existiam à maneira de laivos que não tomaram a força necessária.

Analisemos, agora, como estavam esses laivos quando o Brasil foi declarado independente.

### *A nobreza da terra*

Proclamado o Império, o próprio fato de o Brasil ser monarquia fez com



Estação Ferroviária e Praça dos Trabalhadores, Maputo, Moçambique

que as partes mais conservadoras, as elites mais marcadas, nascidas do solo muito mais do que vindas de Portugal, iam formando a tal “nobreza da terra”, que se distinguia, mas não se separava da nobreza do reino. Esta era constituída pelos nobres vindos de Portugal, às vezes membros pobres das famílias da nobreza, que vinham para o Brasil e tinham foro nobiliárquico, com todos os privilégios dessa condição. A nobreza da terra não descendia dos nobres do reino, mas enobrecia pelo fato de, durante algum tempo, ter a direção de um desses blocos sociais. Esta, entretanto, olhava muito mais para o Rio de Janeiro, onde estava o trono imperial. E neste sentido a monarquia entrou como um fator de centralização.

Cito dois casos característicos: Pernambuco e Bahia. Cada qual constituiu um polo e, se não fosse a monarquia, teriam levado uma vida muito mais centralizada em si mesmos e, portanto, mais regional, cultural e psicologicamente autônoma.

A existência de uma corte no Rio de Janeiro fazia com que todas essas elites mandassem seus melhores homens, suas melhores inteligências para luzir ali, e as damas mais elegantes para frequentarem a corte, considerando-se província e caipirada em comparação com o modelo que viam nascer na capital. Este foi um fator nocivo para a Contra-Revolução.

### *Sentido descentralizador das monarquias medievais*

As monarquias medievais tinham um sentido descentralizador muito forte. Segundo a concepção daquela época, quando um rei possuía vários filhos era preciso dar um grande feudo para cada um, desmembrado das próprias terras do monarca. Assim, à medida que a dinastia ia mudando, o país se multiplicava em novos feudos, porque ficava feio um príncipe ser como é hoje, por exemplo, o Duque de York, que tem tanto a ver com York quanto qualquer inglês que esteja palmilhando uma rua de Londres. Quer dizer,



Desembarque da Família Imperial no Recife, em 1859





## A SOCIEDADE ANALISADA POR DR. PLINIO

um título meramente verbal, não existe na prática um Duque de York.

Na monarquia medieval, não. O nobre ia para um determinado lugar a fim de abrir ali um foco de vida, mais ou menos como na Igreja, até trinta ou quarenta anos atrás, quando se dividia uma diocese e se nomeava um bispo para a parte da que se tornara uma nova diocese, a qual passava a constituir novo foco de vida religiosa.

A partir da Revolução, todas as monarquias foram centralizadoras. A menos centralizadora foi a austríaca, mas assim mesmo muito centralizadora em comparação com as medievais.

É a regra da Revolução, visando por toda parte resultados como estes: na Europa as grandes cidades e as regiões homogêneas. Na América do Sul, cortar a formação das elites regionais e dos regionalismos, para esses irem morrendo aos

poucos, com vistas a uma república universal.

O processo pelo qual todas as nações europeias sofreram uma espécie de evanescência das suas fronteiras internas e constituíram blocos coesos e anônimos, como quadrinhos de açúcar, levou ao Mercado Comum Europeu. É o desfecho.

Poder-se-ia levantar uma objeção: há no que estou dizendo uma concepção tão apaixonada e lírica do regionalismo, que se pergunta se isso não conduz, de algum modo, para a autogestão. Afinal de contas, qual seria a evolução bem feita da Idade Média?

Evidentemente, não é a transformação em corpúsculos inviáveis. Seria uma caricatura, onde o presidente da cooperativa faz o papel de marquês. Se assim fosse, estaria tudo estropiado.

A meu ver, se considerarmos os reis santos e direitos e estudarmos as

tendências dos reinos deles, compreenderemos o que era o espírito católico que germinava ali, e como essa germinação foi truncada.

### *Sadio regionalismo*

Afinal de contas, o que é o sadio regionalismo e a partir de que momento uma unidade se plurifica? Até que ponto essa plurificação é exagerada e deve voltar ao *unum*? Em última análise, qual é o futuro da regionalização? Ela conduz a quê?

Assim como a graça produz entre a personalidade de cada um de nós uma afinidade em função de uma vocação comum, e por mais que essas personalidades sejam afins, são e devem ser distintas, ela também age nas nações e regiões, determinando movimentos diversos que implicam na forma da sociedade estruturar-se, organizar-se e caminhar para a sua própria perfeição, o que, por sua vez, é o reflexo da vida espiritual da sociedade.

O feitio da santidade da nação determina a forma e o grau de plurificação, de maneira a estabelecer o equilíbrio entre as tendências centrípetas e centrífugas que, vistas não como antagônicas, mas complementares, constituem a harmonia.

Desse modo, sempre haveria a partir do regionalismo e do feudalismo uma linha de progresso que não seria centrífugo, nem uma traição à unidade, mas uma multiplicidade que fosse a plena frutificação da unidade, tornada mais forte, e um estilo de imbricamento que dependeria da forma de virtude, do matiz de vida espiritual e de santidade para que cada povo fosse chamado.

Com efeito, ponham a fidelidade plena à graça e o problema se resolve. Entretanto, não se soluciona apenas pela fidelidade à graça. É preciso haver uma arte de governar por onde quem governa perceba qual é o ponto de chegada, como se conjugam a graça e a natureza em determinado lugar, e como a graça está atuando ali, para



São Fernando de Castela  
Sevilha, Espanha





João Pessoa, Paraíba

discernir profeticamente, com clareza, os próximos passos. Por certo, um futuro que nem sempre se vê como será, mas para o qual a boa dinastia ou a boa sucessão de governos de elite tendem constantemente. Mais do que qualquer outra coisa, governar é ter essa ordem e esse equilíbrio em cena.

Então nós compreendemos que a arte de governar se faz estimulando o movimento uno da graça e da natureza no lugar governado, de maneira a estimular a prática das virtudes pela correspondência à graça que irriga a natureza, e fazendo com que aquilo caminhe por um dinamismo próprio. Isto é ser conservador e, ao mesmo tempo, promover o progresso, no melhor sentido da palavra.

Contudo, o governo comporta outra coisa: a arte de corrigir. Porque não se trata de uma federação de Anjos, mas de gente continuamente tendente a pecar, a errar. Portanto, a arte de governar deve entrar em luta contra o mal, percebê-lo, ver para onde ele caminha, esmagá-lo; e quando ele se tornou tão forte, por falta de virtude dos cidadãos, que não é possível expulsá-lo, conduzir contra ele uma luta na qual, se não se puder combatê-lo de frente, convive-se com ele debilitando-o, criando-lhe condições opos-

tas, “politicando” contra ele, mas procurando liquidá-lo de todos os modos.

Desses dois elementos se faz o caminho histórico de um povo, e ele toma a fisionomia desejada pela Providência.

### *O Brasil ideal*

Assim, quem esteja governando deve tender continuamente, na medida do possível, para um ponto ideal, e para isso precisa conhecer muito bem esse ponto, embora ele só se realize esporadicamente na História. Mas é bom que esse ponto ideal seja uma meta difusa na alma dos povos, com vistas a fazê-los tender de algum modo para isso. Em outros termos, essa ordem ideal, que existe habitualmente apenas de um modo incompleto e irregular, precisa ser conhecida para que os bons tendam para lá.

Há um plano de Deus que resulta de uma certa situação natural e de um certo “equipamento” sobrenatural. Esses dois fatores se encontrando têm um dinamismo próprio que caminha numa certa direção. O segredo é conhecer o mecanismo interno desse dinamismo e ajudá-lo estimulando, protegendo e corrigindo eventuais desvios, não o dinamismo em si, porque este é bom.

Por isso, ao tratar do Brasil deve-se pensar num Brasil ideal. Esse Bra-

sil ideal não se faz lendo nas bibliotecas europeias, mas imaginando, nesses vários esboços de alma que o Brasil teve, como seria o sopro da graça e a perfeição do local, para depois tentar imaginar, com alguma probabilidade, o que poderia ser, nesse Brasil, a harmonia entre a unidade e a variedade, o que favorecer e o que combater, qual é o contra-Brasil atrelado ao Brasil, o “Brasil velho” acoplado ao “Brasil novo” – no sentido espiritual que dá São Paulo a respeito do homem velho e do homem novo (cf. *Ef* 4, 22-24) –, e como fazer o incremento do Brasil na ordem temporal como fruto da conjugação desta com a ordem espiritual.

Então, considerando assim esses vários Brasis, vai-se elaborando uma escola de pensar, de viver, de fazer o bem, de combater o mal, uma escola de rezar. ❖

(*Extraído de conferência de*  
19/6/1987)

Errata: Na nota da página 31 do n. 264, no lugar de “Edmond Rostand (\*1868 - †1918)” leia-se “Alexandre Dumas (\*1802 - †1870)”.



# CALENDÁRIO DOS SANTOS



São Pedro Armengol

**1. São Gilberto**, bispo (†c. 1245). Erigiu a catedral em Dornoch, Escócia, e fundou vários asilos para pobres. Governou a diocese de Caithness, durante 20 anos.

**2. São Francisco de Paula**, eremita (†1507).

**São Domingos Tuoc**, presbítero e mártir (†1839). Dominicano martirizado na perseguição religiosa em Xuong Dien, Vietnã.

**3. São Luís Scrosoppi**, presbítero (†1884). Sacerdote da Congregação

do Oratório, fundou a Congregação das Irmãs da Divina Providência, em Udine, Itália.

**4. Santo Isidoro**, bispo e Doutor da Igreja (†636).

**Beato José Bento Dusmet**, bispo (†1894). Religioso beneditino que após ser nomeado Bispo da Catânia, Itália, promoveu o culto divino e a instrução cristã do povo.

**5. São Vicente Ferrer**, presbítero (†1419). *Ver página 8.*

**Santa Maria Crescência Höss**, virgem (†1744). Religiosa franciscana que foi mestra de noviças e superiora em Kaufbeuren, Alemanha.

**6. São Pedro de Verona**, presbítero e mártir (†1252). Filho de maniqueus, abraçou a Fé Católica ainda criança e tornou-se dominicano. Combateu a heresia até ser assassinado em Milão, Itália.

**7. São João Batista de la Salle**, presbítero (†1719).

**Santo Aiberto**, presbítero e monge (†1140). Recitava todos os dias o Salmeterio, junto ao mosteiro de Crespín, França, e ministrava o Sacramento da Penitência aos fiéis que a ele acorriam.

**8. Beato Domingos do Santíssimo Sacramento Iturrate**, presbítero

(†1927). Sacerdote Trinitário que se dedicou arduamente a promover a salvação das almas. Morreu em Belmonte, Espanha, dois anos depois de ter sido ordenado.

**9. Beato Ubaldo de Sansepolcro**, presbítero (†1315). Após uma juventude dissipada em Florença, tornou-se sacerdote da Ordem dos Servos de Maria ao ouvir um sermão de São Filipe Benício.

## 10. Paixão do Senhor

**Santa Madalena de Canossa**, virgem (†1855). Renunciou às riquezas para seguir a Cristo e fundou os institutos das Filhas e dos Filhos da Caridade, em Verona, Itália.

## 11. Vigília Pascal

**São Estanislau de Cracóvia**, bispo e mártir (†1079).

**Santa Gema Galgani**, virgem (†1905). Mística italiana, insigne pela contemplação da Paixão do Senhor e pelos sofrimentos suportados com paciência. Morreu em Lucca, Itália, aos 25 anos, num Sábado Santo.

## 12. Domingo da Páscoa.

**São Júlio I**, Papa (†352). Defendeu tenazmente os princípios do Concílio de Niceia durante a perseguiçãoariana e protegeu Santo Atanásio contra as falsas acusações, acolhendo-o durante seu exílio.

**13. São Martinho I**, Papa e mártir (†656).

**Beata Ida**, viúva (†1113). Ficando viúva de Eustáquio II, conde de Bolonha, França, dedicou-se por inteiro às obras de piedade e de caridade. Mãe de Godofredo de Bouillon.

**14. São Bento de Avignon** (†1184). Jovem pastor que, por inspiração celeste, construiu em Avignon, França, uma ponte sobre o rio Ródano.



Santa Madalena de Canossa



**15. Santo Ortário**, abade (†s. XI). Levou uma vida de austeridade e oração no mosteiro de Landelles, França, e foi assíduo na assistência aos pobres e enfermos.

**16. São Magno**, mártir (†1116). Príncipe das Ilhas Órcadas, Escócia, abraçou a Fé Católica e foi assassinado traiçoeiramente durante tratativas de paz com seu adversário no principado.

**17. Beata Mariana de Jesus**, virgem (†1624). Vencendo a oposição do pai, tomou o hábito da Ordem Mercedária em Madri, e ofereceu suas orações e penitências pelos pobres e necessitados.

**18. Beata Sabina Petrilli**, virgem (†1923). Fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Catarina de Sena, falecida na Toscana, Itália.

**12. II Domingo de Páscoa. Domingo da Divina Misericórdia.**

**Beato Bernardo**, penitente (†1182). Para expiar os pecados da juventude, partiu descalço e quase sem alimentos em peregrinação pela Terra Santa. Morreu no Mosteiro de Saint-Bertin, França.

**20. Beato Anastásio Pankiewicz**, presbítero e mártir (†1942). Sacerdote franciscano polonês, morto no caminho que conduz de Dachau a Hartheim, Áustria. Deu testemunho de sua fé até a morte.

**21. Santo Anselmo**, bispo e Doutor da Igreja (†1109). *Ver página 2.*

**22. São Teodoro de Sykeon**, bispo e abade (†613). Jovem anacoreta, fundou um mosteiro para atender os numerosos discípulos que o procuravam. Eleito Bispo de Anastasiópolis, pediu para voltar à vida eremítica. Morreu em Sykeon, atual Turquia.



Flávio Lourenço

**23. Santo Adalberto de Praga**, bispo e mártir (†997).

**São Jorge**, mártir (†s. IV).

**São Gerardo**, bispo (†994). Durante os 31 anos em que foi Bispo de Toul, França, deu à cidade ótimas leis, dedicou a catedral, ajudou os mosteiros, alimentou os pobres e veio em socorro do povo em tempo de peste.

**24. São Fidélis de Sigmaringa**, presbítero e mártir (†1622).

**Beata Maria Isabel Hesselblad**, virgem (†1957). Natural da Suécia, após um longo tempo de serviço num hospital, reformou a Ordem de Santa Brígida, dedicando-se à contemplação e à caridade em Roma.

**25. São Marcos**, Evangelista.

**São Pedro de São José Betancur**, religioso (†1667). Irmão da Ordem Terceira Franciscana, fundou a Ordem dos Bethlemitas em Antigua, Guatemala.

**26. III Domingo de Páscoa.**

**Mãe do Bom Conselho.**

**São Rafael Arnáiz Barón**, religioso (†1938). Monge da Trapa de Santo Isidoro de Dueñas, em Palência, Espa-

nha. Atingido, sendo ainda noviço, por uma grave enfermidade suportou tudo com paciência, falecendo aos 27 anos.

**27. São Pedro Armengol**, religioso (†1304).

**28. São Pedro Chanel**, presbítero e mártir (†1841).

**São Luís Maria Grignon de Montfort**, presbítero (†1716).

**29. Santa Catarina de Sena**, virgem e Doutora da Igreja (†1380).

**Santo Acardo**, Bispo (†1172). Sendo abade de São Vítor, em Paris, escreveu várias obras para conduzir as almas rumo à perfeição. Foi mais tarde Bispo de Avranches, França.

**30. São Pio V**, Papa (†1572).

**Santa Maria da Encarnação**, religiosa (†1672). Após a morte do marido, fez profissão religiosa nas Ursulinas, em Tours, França. Fundou a casa destas religiosas em Québec, Canadá.

Francisco Barros



Santa Maria da Encarnação





# A Igreja refulgirá com esplendor

A Igreja foi profanada de maneira a estampar em sua face uma fraqueza e uma indignidade que ela não tem, tornando-se sujeita a uma forma de humilhação inenarrável. Logo, deve vir uma glorificação, não propriamente maior do que a Ressurreição ou Ascensão, porque a Igreja não morre, mas a Esposa Mística de Cristo refulgirá com um esplendor, uma maravilha que esteja na proporção da humilhação sofrida.

**P**áscoa é uma palavra que significa passagem. Quando se fala da Santa Páscoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, refere-se à sua Santa Passagem.

### *Festa de triunfo*

Passagem de quê? Aquele fato extraordinário miraculoso, único na História, pelo qual Nosso Senhor Je-

sus Cristo morto pelos seus assassinos, depois de ter passado três dias na sepultura, ressuscitou-Se a Si próprio, um Anjo abriu sua sepultura e Ele apareceu resplandecente em vá-



rios lugares na glória de sua Ressurreição.

Jesus veio à Terra para uma luta, uma oblação e uma vitória. A sua luta e a sua oblação tinham que terminar numa vitória. A Páscoa é esta passagem d'Ele do estado de morto para vivo; de morto que se autorressuscita. É isto que não tem precedente na História. Já houvera pessoas que ressuscitaram um morto. Ele mesmo ressuscitou o filho da viúva de Naim, a filha de Jairo e Lázaro, mas um morto que ressuscita a si mesmo só pode ser Deus. Ao se autorressuscitar, Ele derrota magnificamente todos os seus adversários. Mais: é Deus que vence o demônio, a verdade que vence o erro, a virtude que vence o crime, a ordem que vence a desordem, a luz que vence as trevas. A Páscoa é, pois, fundamentalmente uma festa de triunfo.

Por causa disso as luzes da Páscoa são esplêndidas, a alegria é de vitória, um desses gáudios irradiantes e comunicativos em que as almas têm vontade de proclamar. É uma coisa como o Sol em pleno meio-dia. É assim que se pode interpretar a alegria da Páscoa.

### *Seriedade com que se celebrava a Liturgia da Semana Santa na pequena São Paulo*

Eu me lembro bem do contraste que havia em todo o ambiente da ci-

dade entre a Páscoa e os dias anteriores da Semana Santa.

Na pequena São Paulo de então, em todas as igrejas se celebrava a liturgia da Semana Santa com uma seriedade que hoje em dia, infelizmente, não se tem mais. A partir de Quarta-feira Santa começava-se a rezar o chamado Ofício de Trevas. Colocavam dois grupos de clérigos, um em frente ao outro, no próprio presbitério do altar-mor, onde começavam a recitar salmos alusivos à Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. O fundo do presbitério estava todo coberto por um grande pano roxo, que é a cor da dor, da tristeza. Assim, a igreja, habitualmente cheia de cores alegres, apresentava um fundo de tristeza. Uma peça triangular cheia de velas cobria o altar de cima a baixo, terminando com uma vela central. À medida que o ofício ia se desenvolvendo, em períodos marcados levantava-se um acólito, apagava uma vela e voltava ao seu lugar. Quando o ofício estava no fim, era o sinal de que a luz do mundo tinha se apagado.

Todo o recinto sagrado ficava envolto em uma atmosfera de recolhimento e tristeza, com todas as luzes apagadas. Alguém levava aquela última vela para trás do altar, onde ela permanecia acesa, enquanto o restante da igreja ficava na escuridão. Era o sinal de que Nosso Senhor Jesus Cristo ti-

nha cessado de brilhar no mundo e que sua Morte, já prefigurada naquele dia, aconteceria em breve.

Na Quinta-feira Santa havia uma cerimônia muito bonita, que era o desnudamento dos altares.

Após a Missa, que ainda tinha algo de festivo no meio de tanta dor, pois era a alegria da última Ceia antes da tristeza pela Paixão que se iniciaria. Guardavam o Santíssimo Sacramento numa urna revestida de seda branca e bordada com um cordeiro dourado, colocada no alto de um altar, retiravam dos outros altares todos os ornatos, velas, vasos, toalhas, etc., e a igreja apresentava um ar de desolação e tristeza.

Na Sexta-feira Santa já não havia Missa. Era celebrada o que se chamava “Missa dos pré-santificados”, na qual não existia a Consagração. O padre tirava o Santíssimo Sacramento daquela urna, e apenas se consumiam as sagradas Espécies que na véspera tinham sido consagradas. Depois não havia mais Hóstias na igreja. Guardavam em algum lugar as que eram destinadas aos mo-



Dr. Plínio durante as cerimônias da Semana Santa, em 1988





ribundos, mas sem objeto de culto. O tabernáculo permanecia aberto para indicar que o Dono da casa não estava mais presente.

Os sinos não tocavam mais, os fiéis vestidos de preto formavam longas filas, passando diante de um crucifixo e osculando-o. A cidade toda ficava imersa numa espécie de silêncio respeitoso, refletindo a tristeza enorme da humanidade porque Aquela que era o Sal da terra e a Luz do mundo, o Salvador, não se encontrava mais presente.

## *Na Páscoa, a cidade passava da tristeza para uma alegria inocente*

A partir do meio-dia do sábado, prenunciavam-se as alegrias da Ressurreição. Já pela manhã as crianças penduravam nos postes figuras representando Judas, para serem espancadas. Nas casas começavam a preparar os piqueniques e os almoços festivos do dia seguinte.

Chegada a Páscoa da Ressurreição, as pessoas punham trajes alegres, cumprimentavam-se efusivamente, os sinos da cidade repicavam, pois Jesus Cristo ressuscitou, o demônio foi esmagado e Nossa Senhora está inundada de felicidade!

Pelo gosto de sondar esses ambientes, lembro-me de que certa vez fiz algo de que me alegro: subi ao ponto mais alto de São Paulo naquele tempo, que era a torre da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, para dali contemplar a cidade no momento em que se comemorava a Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. Eu queria ver se no ar da cidade se sentia a alegria da Páscoa, e de fato senti. Quando, aos meus pés, os carrilhões



Arquivo Revista

começaram a tocar e depois na cidade de São Paulo, sem arranha-céus ainda, de todas as distâncias chegavam os ecos dos sinos que bimbalhavam naquela quantidade enorme de torres de igrejas por todos os lados, percebia-se a transformação da cidade, que passava da tristeza para uma alegria inocente e triunfal. Eu saí de lá triunfante, com a ideia de que tinha participado com vitória Nosso Senhor calcando aos pés o demônio.

Era um júbilo, um triunfo pascal com grandeza bíblica, pois o verdadeiro espírito da Páscoa tem grandeza bíblica, desde que se preste atenção e o contemple como os personagens bíblicos olhariam para esse acontecimento.

## *Grandeza do fato de Nosso Senhor ressuscitado aparecer a sua Mãe Santíssima*

Certa ocasião, durante uma Missa, eu estava pensando como seria, dada a grandeza intrínseca da Ressurreição, o *modus faciendi* adotado por Deus para que ela tivesse toda a sua majestade.

Um *modus faciendi* seria a vida voltando ao cadáver divino – no qual a união hipostática não cessou apesar da morte – de maneira que as cicatrizes se recompusessem, a res-

piração recomeçasse, e toda a perfeição e grandeza d'Ele fossem como que florescendo. A mais estupenda primavera da História! Quando chegasse um determinado momento, a sepultura estaria cheia de Anjos que cantariam o mais estupendo *Gloria in excelsis*, e Nosso Senhor Se levantaria como um Rei. Os

Anjos removeriam a pedra e Jesus, no mesmo instante, apareceria para Nossa Senhora porque para Ele não havia distância. Eu tenho como certo que, no momento em que Jesus recobrou a vida, Ele já saiu da sepultura e apareceu a Maria Santíssima.

Outro modo seria: de repente a vida voltar ao cadáver com a plenitude inteira d'Ele, como se fosse um raio feito para viver e não para matar, mas que, encontrando obstáculos, mataria. Sua Alma entraria no Corpo e apareceria a Nossa Senhora. Portanto, uma coisa imediata.

A meu ver, a beleza do ato contém as duas hipóteses. Pode-se imaginar algo de maior grandeza bíblica do que Deus ressuscitando-Se a Si próprio e que aparece à sua Mãe Santíssima? Em comparação com isto, o que é a entrega das tábuas da Lei, a dança de Davi diante da arca, e tudo quanto se passou no Antigo Testamento?

Grandeza semelhante pode ser contemplada na atual fase em que se encontra a Santa Igreja.

Quando alguém é submetido a uma prova de humilhação, quanto mais profunda esta tenha sido tanto mais alta será a glória que virá em reparação. Por exemplo, o julgamento e a Crucificação constituíram uma humilhação sem nome para Nosso Senhor. Fazem *pendant*, contrapõem-se a isso a Ressurreição e a Ascensão, que são glórias também indizíveis.



## *O sagrado semblante da Igreja incutirá terror aos maus*

Ora, nós vivemos numa época em que a Igreja está sendo humilhada além do extremo limite que se imaginava possível. Em que consiste essa humilhação? É tão horrível que se torna até desagradável a analogia que vou empregar, mas exprime bem a realidade do crime que está sendo cometido.

Os carrascos terem tomado Nosso Senhor durante os três dias da Paixão e O terem desfigurado o quanto puderam, inclusive a Face divina, não é uma coisa tão horrível quanto se eles O tivessem feito ingerir uma substância qualquer por onde Ele fizesse com sua Sagrada Face contorções ridículas e medonhas. Isto seria fazer com que partisse d'Ele um movimento que O desordenasse e causasse o seu desfiguramento. Isso seria mais terrível do que qualquer coisa, sobretudo se permanecesse à maneira de um cacoete definitivo.

Pois bem, precisamente o que se perpetrou foi obrigar a Igreja a fazer um cacoete com a própria face, sujeitando o Corpo Místico de Cristo a esta forma de humilhação inenarravelmente pior do que qualquer outra. Logo, deve vir uma glorificação, não propriamente maior do que a Ressurreição ou Ascensão porque a Igreja não morre. Mas, nesta ordem do desfigurado, a Esposa Mística de Cristo tem que refulgir com um esplendor, uma maravilha que esteja na proporção da humilhação sofrida.

Há mais: seria lógico que quando ela vencer, assim como a face da Igreja foi profanada de maneira a estampar uma fraqueza e uma indignidade que ela não tem, seu sagrado semblante meta terror nos maus e arranque gritos de admiração da humanidade!

Eu creio que Nosso Senhor, por ocasião da Ascensão, reconstituiu um “super-labor”. E, portanto, tudo quanto se relata de sua Transfiguração, Ele brilhou com aquilo tudo e mais ainda

durante a Ascensão. Tenho a impressão de que, quanto mais Ele ia subindo, mais esplendoroso Se tornava. Seria lógico, pareceria razoável que isto fosse assim, porque há a hora da humilhação e a hora da glorificação. E é preciso que o cálice da humilhação tenha sido bebido por inteiro para depois a glória vir por inteiro também.

Assim acontece com a causa da Contra-Revolução. Esse é um fenômeno tão profundo que há dias nos

quais não percebemos a glória de sermos contrarrevolucionários. Mas, de repente, vem um lampejo e sentimos por inteiro essa glória. São pequenos antegozos do esplendor que virá após a longa humilhação que devemos percorrer, para sermos dignos da grande glória quando o dia da glorificação chegar. ♦

*(Extraído de conferências de 25/12/1976, 6 e 15/4/1980)*



**Jesus aparece a Nossa Senhora após a Ressurreição**  
Museu Metropolitano de Nova Iorque, EUA





# *Cindindo a História de alto a baixo*

Numa piedosa imagem de Nosso Senhor flagelado, chama muito a atenção a sublimidade do olhar, no qual transparece o sofrimento intenso do Divino Salvador, que medita com profundidade a respeito do significado transcendente, metafísico, sobrenatural de todas as dores pelas quais passa. O Redentor divide a História entre os que são d'Ele e os que são contra Ele.

**T**enho a intenção de comentar uma imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo flagelado. Dizer dessa imagem que é bonita é muito pouco, porque mais do que isso é profundamente impressionante, e de molde a despertar muita piedade. E é enquanto tal que desejo fazer dela objeto de nossas considerações.

*Significado transcendente, metafísico, sobrenatural das dores*

À primeira vista, quando me foram apresentadas fotos dessa imagem, fiquei chocado porque as feridas



do Corpo sagrado de Nosso Senhor Jesus Cristo estão apresentadas com um tal realismo e de modo tão brutal, que o instinto de conservação do homem clama com aquilo, tem a tendência a fugir e achar que não é arte representar um horror daqueles de um modo tão horripilante.

Esse é um primeiro impulso que deve ser dominado porque é uma ingratidão. Tal será que, tendo Nosso Senhor Jesus Cristo sofrido tudo o que padeceu por nós, não queiramos sequer olhar para o Corpo chagado d'Ele porque isso pode nos desagradar. Como um primeiro impulso se compreende, pois é uma reação quase física. Porém, haveria ingratidão em consentir nesse impulso. Além de ingratidão é uma falta de respeito sem nome!



Compreende-se, então, que o escultor tenha chegado a esculpir de modo tão terrivelmente realista essa imagem, a qual pareceu-me ser uma escultura espanhola, com aquele realismo próprio das imagens sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, e que deveria datar de fins do século XVIII, mais provavelmente do século XIX. Soube depois que ela se encontra no Canadá.

Consideremos, nas seguintes fotos, alguns aspectos dessa imagem.

Algumas coisas me agradam extraordinariamente nessa figura. A primeira delas que me chama mais a atenção é o olhar profundamente pensativo, meditativo. Tenho visto incontáveis crucifixos em que Nosso Senhor parece abismado – aliás, santamente – na consideração da sua própria dor, e onde o artista procura atrair a atenção para os sofrimentos do Divino Crucificado a fim de provocar compaixão. Nesses crucifixos o próprio olhar do Redentor, muito legitimamente, parece perguntar: “Pelo menos nesta dor, tu não tens pena de Mim?”

Porém, aqui eu interpreto o olhar de outra maneira. É bem verdade que a dor está presente. É o olhar de uma Pessoa que sofre intensamente, mas, por cima da dor,





Flávio Lourenço



O Profeta Simeão recebe em seus braços o Menino Jesus - Museu da Colegiata de Santa Maria, Borja, Espanha

nota-se que há uma reflexão profunda, consternada de Quem pensa profundamente a respeito do que Lhe está acontecendo, do significado transcendente, metafísico, sobrenatural de todas as dores pelas quais Ele está passando, e que constitui propriamente uma meditação.

### *Nosso Senhor enquanto pedra de escândalo*

É uma meditação sobre a sua própria Paixão, como Ele gostaria que nós fizéssemos e que, segundo interpretado olhando a Face sagrada, parte do mais alto ponto de consideração em que uma mente humana possa se colocar. Mas é, ao mesmo tempo, uma reflexão que vai até o mais concreto, palpável, miúdo, o mais distante da transcendência, e une tudo numa vista em comum, numa consideração global não só do que fazem contra Ele, mas também do que realizam por Ele.

De maneira que estão contemplados não apenas os homens vivos nessa ocasião, mas todos os que ao longo dos

tempos meditariam esse passo da Paixão e seriam frios, indiferentes, cruéis, ou O adorariam transportados de amor e admiração na consideração da situação em que Ele está.

Tudo isso é considerado, o que me faz lembrar a palavra do Profeta Simeão sobre Ele: Pedra de escândalo que dividiria os homens para a perda e a salvação de muitos, a fim de que se revelassem as cogitações de muitos corações (cf. Lc 2, 34-35). Quer dizer, dividindo, cindindo a História de alto a baixo em dois: os que eram d'Ele e os que eram contra Ele, salvando-se uns e perdendo-se os outros. Parece-me que essas considerações altíssimas, e outras ainda, estão expressas nesse olhar, que pousa ao longe, num ponto indefinido.







Jesus entrega as chaves a São Pedro - Igreja de São Demétrio, Loarre, Espanha

São João recostando-se sobre o peito de Jesus - Igreja de São Pedro, Estrasburgo, França



O Apóstolo São Bartolomeu Igreja de São Bartolomeu, Múrcia, Espanha



O beijo de Judas - Catedral de Pamplona, Espanha

Entretanto, há uma altaneria na posição d'Ele pela qual, por mais que esteja alquebrado, não está arqueado. Pelo contrário, o tronco sagrado está ereto numa posição que se poderia chamar de nobre. A própria cabeça não está caída de modo desairoso, nem erguida de maneira arrogante, mas posta com uma naturalidade digna sobre o pescoço, e elevada como um Homem que está entregue às suas mais altas cogitações.

Notem a posição lindíssima dos dois braços. Dir-se-ia tratar-se de um personagem num ato de muito protocolo, de muita etiqueta. Nas cortes, muitas vezes o modo correto de postar os braços diante de um rei ou de uma rainha é esse. Assim está Ele.

No Corpo ferido pela flagelação vemos partes da carne sagrada intumescidas, algumas foram batidas e outras arrancadas. Embora esteja cercado por gente que ria d'Ele, Jesus não olha para essas pessoas, mas as transcende. Ele está infinitamente acima de tudo isso, entregue aos seus pensamentos, à sua oração. De tal maneira que se poderia colocar, entre os muitos títulos que essa imagem mereceria, a frase: *"Jesus autem orabat"*, como também *"Jesus autem tacebat"*<sup>1</sup>.

### *Três aspectos do divino olhar*

Observem como o manto da irrisão, apesar de tudo, cai composto, com a parte direita meio voltada para trás, indicando por esses discretos indícios a beleza e a força moral que não O abandonaram nem mesmo nas situações mais terríveis.

Creio ser este semblante a última expressão do comovedor. É Cristo enquanto pensando, refletindo, orando durante a sua Paixão. Julgo discernir nesse olhar três aspectos. Primeiro, muita dor

Virgem da Paz - Igreja de São Mateus, Lucena Espanha







física que se exprime aí, seguida de muita angústia diante do sofrimento que vem. É Alguém que está em pleno tormento e sente o tormento que ainda vem. Portanto, encontra-Se no auge do horror, em que Ele ainda não sofreu tudo, e a morte que o libertará está longe. Ele já sofreu tanto que perdeu toda a força para resistir; entretanto, ainda tem que aguentar enormemente. Há, por isso, uma ansiedade, uma angústia. Mas que angústia doce, suave, sem agitação, confiante! “Isto tem uma saída. Meu Pai atenderá minha prece, e Eu chegarei até o fim. Isto tem um sentido.”

Por outro lado, vê-se a tristeza profunda, mas uma tristeza moral, como que divinamente decepcionado com aqueles que O abandonaram. Não parece que o Divino Mestre Se lembra, nessa hora, não dos miseráveis que O estão chicoteando, mas dos Apóstolos que O deixaram? Ele parece estar revendo cada Apóstolo, um por um: pensando em São Pedro, sobre quem Ele construiu a Igreja; em São João, o Apóstolo Virgem, que horas antes ainda deitara a cabeça sobre o peito d’Ele para fazer uma pergunta na intimidade; em São Bartolomeu, de quem Ele mesmo disse que era um verdadeiro israelita no qual não havia fraude e que, entretanto, O abandonou também... Ele está pensando em todos os outros. E lembrando-Se com horror do filho da perdição que O vendeu, Ele está cogitando em todos aqueles que O trairiam ao longo dos séculos.

Entretanto, Jesus está pensando também em algo que O angustia enormemente, mas é magnífico: Nossa Senhora e a dor que Ela está sofrendo.

Porém, por cima disso, parece-me ver os olhos do pensador que está meditando, fazendo a Filosofia e a Teologia daquele acontecimento central da História, que é a sua Paixão e Morte. E contem-

plando tudo isso Ele está orando. A meu ver é manifesto haver dentro disso uma magnífica oração.

### *Nosso Senhor sofreu tudo isso pelos rogos de Maria*

Quando uma pessoa pensa, costuma frequentemente formar um vinco precisamente nesse lugar da fronte onde, na imagem, sobressai uma vergastada profunda. A meditação do verdadeiro homem de Deus é muitas vezes acompanhada de dor, de tristeza e de amargura, faz sangrar a alma, se não o corpo, que envelhece, encanece, se consome, mas se eleva e se santifica.

Considerem no Corpo divino a tumefação do braço esquerdo: nem tem o contorno comum de um braço, mas está todo ele bailando em torno dos ossos. E esses braços ainda vão carregar a Cruz, essas mãos ainda serão cravadas no madeiro, até que Ele morra. Esta é a imensidade de tormentos que O aguarda depois de ter sofrido tudo isso.

Ali vemos amarradas as mãos sagradas do Onipotente. É bonito que o escultor as tenha apresentado inteiramente descontraídas; não há contração nervosa, mas estão como as mãos de um rei prontas para serem osculadas. É o Rei da dor.

Por nós, que somos escravos da Santíssima Virgem, essa imagem deve ser considerada de dentro dos olhos de São Luís Grignon de Montfort. Devemos entender que se Nosso Senhor sofreu tudo isso foi pelos rogos de Maria; se esse Sangue é aplicável a nós, é pelos rogos de Nossa Senhora; se nossa presença não causa horror a Ele, mas, pelo contrário, é aceita com misericórdia, é pelos rogos de Maria.

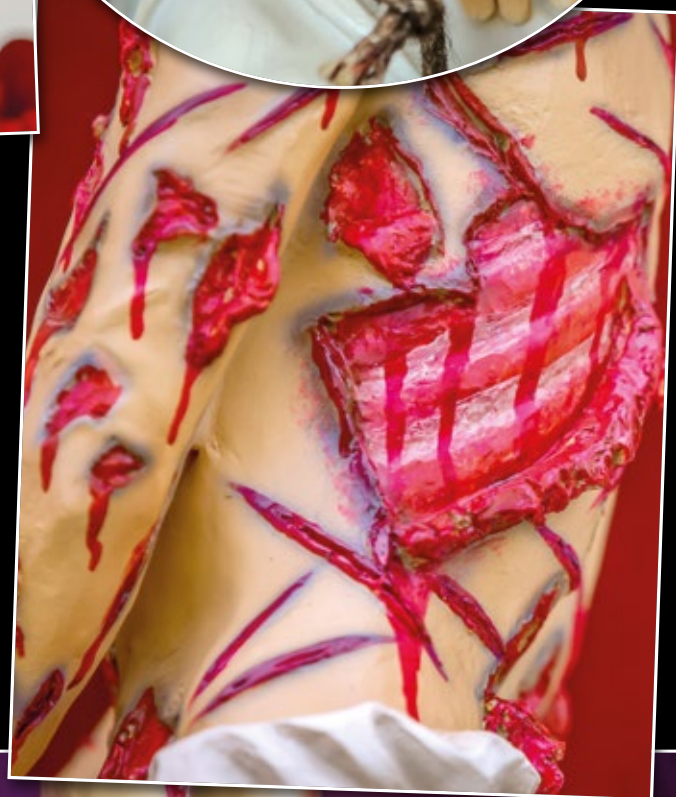
É com Ela, por Ela e n’Ela que nós podemos nos apresentar a Nosso Senhor Jesus Cristo. Maria Santíssima é o cami-



Virgem das Dores - Igreja de São Francisco, Baena, Espanha

Flávio Lourenço





inho necessário, por vontade de Deus, para nos aproximarmos de seu Divino Filho e sermos, não digo dignos, mas pelo menos de algum modo proporcionados para olhar essa figura, e pedirmos por nós e pela Igreja.

### *Considerações sobre o escultor da imagem*

Agora, uma palavra sobre o escultor. A meu ver, esse homem fez uma coisa extraordinária no seguinte sentido: muitas vezes vemos em uma obra de arte a expressão da alma do artista que a produziu. Essa é uma qualidade, pois indica o modo pelo qual a pessoa expressiu o que aquele tema lhe produzia no espírito. Contudo, muito mais bonito é quando o artista de tal maneira se deixa identificar com o tema, que a expressão de alma dele não aparece, e sim somente o tema. Nessa escultura não se sente o artista, mas apenas Nosso Senhor Jesus Cristo.

O artista de tal maneira viveu, por assim dizer, a dor de Nosso Senhor que ele O representa e se apaga. Não se percebe qual era o estado de alma dele, a não ser na extrema inteligência, propriedade, finura e, sobretudo, na extrema piedade com que ele apresenta a matéria; de resto, ele está ausente. Isso, a meu ver, é o auge do mérito dentro da obra de arte. ❖

*(Extraído de conferência de 10/2/1976)*

1) Do latim: Jesus, porém, orava. Jesus, porém, calava.





Arquivo Renista

## *Mediação de Maria suavemente expressa*

*N*o afresco da Mãe do Bom Conselho de Genazzano o Menino Jesus está numa grande intimidade com Nossa Senhora, mas os olhos d'Ele estão voltados para cima, enquanto os d'Ela para baixo. Ela olha para Ele, e Ele para Deus.

Entretanto, o olhar d'Ela é curiosamente bivalente. Embora Maria Santíssima contemple seu Divino Filho, também é verdade que está olhando para quem venera o quadro. Este é bem o papel da Mãe de Deus: a Mediadora que recebe nossa oração, transmite para Jesus e Ele a leva às outras Pessoas da Santíssima Trindade.

Desta maneira temos a doutrina católica sobre a Mediação de Maria suavemente expressa, sem a precisão dogmática característica da Teologia, mas com a suavidade e o subentendido próprios à arte.

É muito bonito que tanta doutrina tenha sido posta tão delicadamente nesse afresco. Sem dúvida, é mais interessante descobrir isso analisando a pintura do que se estivesse escrito embaixo: "Mediação Universal". Porque essa sublime verdade insinuada, dada a entender de leve, sem estar afirmada de modo categórico, mas de maneira a permitir ao fiel ir descobrindo como por detrás de um aroma delicado, tem um inegável encanto. Para uma obra de arte, às vezes um certo mistério aumenta o atrativo, e nesse afresco encontramos esse mistério.

(Extraído de conferência de 29/6/1974)